

# O tigre

Uma história real de  
vingança e sobrevivência

John Vaillant





O tigre



# O tigre

*Uma história real de  
vingança e sobrevivência*

John Vaillant

Tradução de Lucas Peterson



Copyright © 2010 by John Vaillant

TÍTULO ORIGINAL

The Tiger: A True Story of Vengeance and Survival

PREPARAÇÃO

Ângelo Lessa

REVISÃO

Laís Curvão

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

ARTE DE CAPA

Peter Mendelsund

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira | Equatorium Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

V262t

Vaillant, John

O tigre: uma história real de vingança e sobrevivência / John Vaillant ;  
tradução Lucas Peterson. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2016.  
352 p. ; 23 cm.

Tradução de: The Tiger: a True Story of Vengeance and Survival

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-8057-998-7

1. Caça de tigres - Rússia. 2. Tigres - Ataques - Rússia. I. Peterson,  
Lucas. II. Título.

16-32494

CDD: 799.2

CDU: 591.611

[2016]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

À memória de  
Joanna e Ellis Settle



*viriditas*





Na taiga, não há testemunhas.

V. K. ARSENEV, *Dersu Uzala*<sup>1</sup>

Nenhum acordo fácil seria feito naquele lugar por qualquer homem.

*Beowulf*<sup>2</sup>

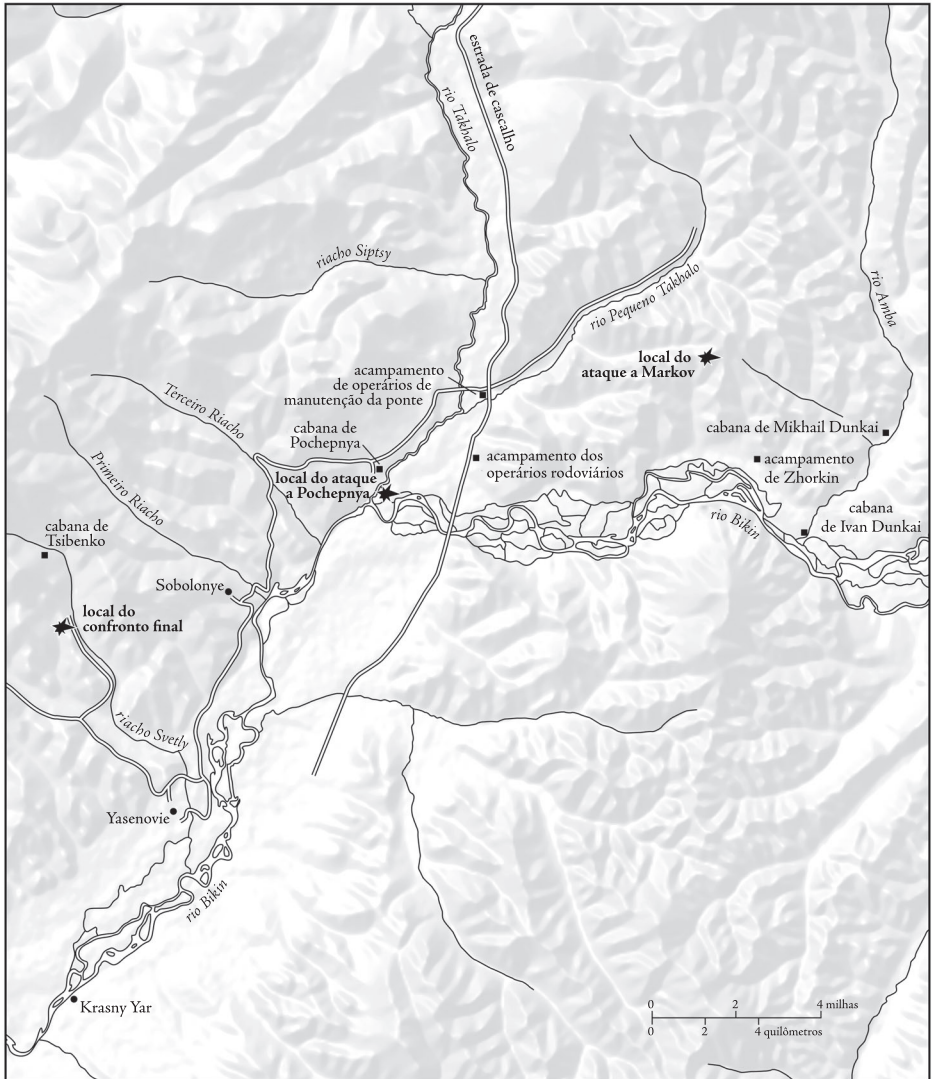


# SUMÁRIO

Mapas	10 e 11
Prólogo	13
Parte Um   Markov	15
Parte Dois   Pocheptya	201
Parte Três   Trush	237
Epílogo	305
Agradecimentos	315
Uma nota sobre tradução	319
Notas	321
Referências	327
Agradecimentos pelas permissões	335



# Vale do Bikin







## PRÓLOGO

Pairando entre as árvores, como que presa aos galhos, há uma lua em forma de foice. Sua luz pálida espalha sombras na neve abaixo e obscurece ainda mais a floresta onde transita o homem que agora se guia mais pelo tato do que pela visão. Ele está a pé e sozinho, exceto por um único cão, que corre adiante, ansioso por enfim voltar para casa. Por todos os lados, troncos negros de carvalhos, pinheiros e álamos avultam em direção à escuridão do céu sobre o mato e a cobertura de vegetação morta, e seus galhos formam um dossel esfarrapado acima. Bétulas delgadas, mais brancas do que a neve, parecem emitir luz própria, mas semelhante à pelugem de um animal durante o inverno: fria ao toque, servindo apenas a ele. Tudo está silencioso neste mundo dormente e congelado. Está tão frio que um cuspe congelaria antes de alcançar o chão; tão frio que uma árvore, frágil como palha e incapaz de conter sua seiva em expansão, poderia explodir de forma espontânea. Ao seguirem em frente, tanto o homem quanto o cão deixam para trás um rastro de calor, e suas respirações condensadas flutuam em nuvens incolores sobre suas pegadas. Seus odores não vão longe na escuridão sem vento, mas o som de suas passadas se propaga, e, assim, a cada passo, eles se anunciam para a noite.

Apesar do frio intenso, o homem usa botas de borracha, mais apropriadas à chuva; sua roupa também é surpreendentemente leve, considerando que ele passou o dia inteiro ao ar livre, à procura. A arma pendurada no ombro pesou com o passar do tempo, assim como sua mochila e seu cinturão de munição. Mas ele conhece muito bem a trilha e já está quase chegando à cabana. Agora finalmente pode se permitir relaxar. Talvez pense no lampião e no fogão que acenderá; talvez pense no peso do qual logo se livrará. A água no cantil com certeza está congelada, mas a parede do fogão é fina, e logo ele brilhará, incandescente, em meio ao frio e à escuridão, exatamente como seu corpo faz agora. Logo ele desfrutará de chá quente e de um cigarro, seguidos de arroz, carne e mais cigarros. Talvez uma ou duas doses de vodca se ainda tiver. Ele aprecia esse ritual e o tem decorado. De repente, à medida que os ângulos que ele tanto conhece tomam forma do outro lado da clareira, o cão se depara com um odor, como se estivesse se chocando com uma parede, para e rosna. Eles são parceiros de caça, e o homem compreende: há alguém ali, perto da cabana. Os pelos de sua própria nuca e os das costas do cão se arrepiam.

Juntos, eles ouvem um ronco no escuro, que parece vir de todos os lugares ao mesmo tempo.



PARTE UM  
**MARKOV**



Muitos não acreditam que isso realmente tenha acontecido. Achem que tudo não passa de um fruto da minha imaginação. Mas foi real. Os fatos comprovam.

YURI ANATOLIEVICH TRUSH

Pouco depois de escurecer, na tarde de 5 de dezembro de 1997, uma mensagem urgente foi repassada a um homem chamado Yuri Trush em sua casa em Luchegorsk, uma cidade mineradora de médio porte na província de Primorsky (ou Província Marítima), no Extremo Oriente da Rússia, próximo à fronteira da China. Primorsky é, entre outras coisas, o último refúgio do tigre-siberiano, e o oficial ao telefone trazia notícias perturbadoras: um homem fora atacado perto de Sobolonye, um vilarejo madeireiro localizado nas entranhas da floresta, cem quilômetros a nordeste de Luchegorsk. Yuri Trush era o comandante do grupo de combate de uma das seis unidades do projeto Inspection Tiger da região, cujo objetivo é investigar crimes ambientais, especialmente os relacionados a tigres. Como muitos dos casos envolvem caçadores ilegais, ataques de tigres figuram entre eles. A nova ocorrência, fossem quais fossem suas implicações, passou a estar, portanto, sob a responsabi-

lidade de Trush, e na mesma hora ele começou a se preparar para a viagem até Sobolonye.

| | |

No dia seguinte, sábado, de manhã bem cedo, Yuri Trush, junto com seus companheiros do grupo de combate Alexander Gorborkov e Sasha Lazurenko, embarcou em um caminhão cedido pelo Exército e seguiu para o norte. Vestindo uniformes camuflados e armados com facas, pistolas e fuzis semiautomáticos, os Tigers, como os inspetores às vezes são chamados, pareciam mais uma espécie de equipe florestal da SWAT do que fiscais de caça. O caminhão deles, com vinte anos de estrada, fora apelidado de Kung e, com suas quatro toneladas, era como o Unimog ou o Humvee, do Exército russo. Com motor a gasolina, guincho, tração nas quatro rodas e pneus que alcançam a cintura, é um veículo muito usado no interior de Primorsky. Além de um suporte para armas e outro para tanques adicionais de combustível, o veículo fora modificado para acomodar beliches improvisados e contava com um estoque de comida grande o suficiente para alimentar quatro homens durante uma semana. O caminhão contava ainda com um fogão a lenha, para que, mesmo que houvesse pane mecânica geral, a equipe sobrevivesse em qualquer parte da floresta.

Depois de passarem pelo posto de controle policial nos limites da cidade, os Tigers seguiram até uma estrada de terra que desviava da estrada principal e seguia na direção leste, ao longo do Bikin, um rio largo e sinuoso que atravessa uma das regiões mais isoladas do norte de Primorsky. A temperatura estava muito abaixo de zero e a neve estava alta, o que atrasou o progresso do pesado caminhão. Isso ofereceu aos passageiros, todos experientes caçadores e ex-soldados, muitas horas para ponderar e discutir o que poderia aguardá-los. Pode-se dizer que, apesar de sua experiência, nada poderia ter preparado aqueles homens para o que encontrariam.

| | |

Primorsky tem mais ou menos o tamanho do estado de Washington. Cravada no canto sudeste da Rússia e banhada pelo mar do Japão, é uma região montanhosa, com alta densidade florestal, que combina o clima claustrofóbico e

interiorano dos montes Apalaches com a severidade fronteiriça do Yukon. A indústria local é a mais bruta possível: exploração madeireira, mineração, pesca e caça, e a situação local ainda é prejudicada por baixos salários, políticos corruptos, prósperos mercados negros e alguns dos maiores felinos do mundo.

Um dos muitos efeitos negativos da *perestroika* e da reabertura da fronteira entre a Rússia e a China foi o aumento expressivo da caça ilegal de tigres. À medida que a economia se desintegrou e o desemprego se alastrou durante os anos 1990, caçadores profissionais, empresários e cidadãos comuns começaram a tirar vantagem da riqueza da floresta em todas as suas formas. Raros e valiosos, os tigres foram especialmente prejudicados: a demanda por seus órgãos, sangue e ossos para uso na medicina tradicional chinesa é enorme. Há quem acredite que os bigodes dos tigres têm o poder de tornar alguém à prova de balas e que seus ossos em pó possuem propriedades analgésicas. Há também quem acredite que seus pênis os tornarão viris, e muitas pessoas, de Tóquio a Moscou, pagariam milhares de dólares por uma pele de tigre.

Entre 1992 e 1994, cerca de cem tigres, quase um quarto da população selvagem do país, foram mortos. A maioria deles foi parar na China. Por meio da ajuda financeira (e da pressão) de organizações internacionais de conservação, o governo local criou o Inspection Tiger, com o objetivo de ao menos recuperar um estado aparente de lei e ordem nas florestas de Primorsky. Equipadas com armas, câmeras e amplos poderes de polícia, essas equipes tinham a responsabilidade de interceptar caçadores ilegais e resolver um número cada vez maior de conflitos entre tigres e seres humanos.

Em grande medida, o mandato do Inspection Tiger se assemelha ao de detetives em um caso de narcóticos. O mesmo vale para seus riscos: o volume de dinheiro que circula é alto, e os envolvidos em geral são indivíduos desesperados e perigosos. Tigres se assemelham a drogas, no sentido de que são vendidos por grama e quilo, e seu valor aumenta de acordo com o refinamento do produto e do vendedor. No entanto, há algumas diferenças determinantes: tigres podem pesar até 270 quilos, caçam presas grandes, inclusive humanos, há dois milhões de anos e se lembram das coisas. Por esses motivos, podem ser tão perigosos para as pessoas que tentam protegê-los quanto o são para os que desejam lucrar com sua caça.

O território sob cobertura da unidade de Yuri Trush em meados dos anos 1990 estava concentrado ao redor do rio Bikin. É possível dirigir um caminho sobre o Bikin durante o inverno, mas, no verão, o rio se torna lânguido e

pantanosos. Para muitos dos habitantes desempregados do vale, as leis impostas pelo rio e pela floresta são mais relevantes do que as impostas pelo governo. Embora muitos moradores cacem animais selvagens ilegalmente apenas para sobreviver, há alguns que o fazem por dinheiro.



Em 1997, o Inspection Tiger existia havia apenas três anos; se considerarmos a situação econômica da Rússia nos anos 1990, os integrantes do grupo tinham sorte de estar empregados, especialmente porque eram pagos em dólar por organizações internacionais de conservação. Naquela época, 400 dólares por mês era um salário invejável, mas se esperava um retorno muito grande deles. Fosse em verificações de rotina de documentos de caçadores na floresta, em revistas de carros suspeitos a caminho da fronteira chinesa ou em operações à paisana, a maioria das pessoas com quem o Inspection Tiger lidava estava armada. Na maior parte das vezes, esses encontros ocorriam em lugares remotos, onde simplesmente não havia apoio policial, e eles nunca sabiam o que encontrariam.

Depois da *perestroika*, quase tudo na Rússia foi posto à venda, e quantidades enormes de armamentos militares desapareceram dos depósitos locais. Em batidas em várias das cabanas anônimas de caça localizadas pela floresta da região, Trush e sua equipe confiscaram explosivos plásticos, TNT e metralhadoras doze milímetros (calibre .50), tudo roubado de veículos blindados. Trush não imaginava para que serviam armas daquele porte na floresta, mas os explosivos eram mais fáceis de explicar: eram usados em riachos, para matar grandes quantidades de peixes, ou para explodir ursos em suas tocas. O mercado asiático não se interessa tanto por couros ou carcaças intactos de ursos, mas por suas patas e vesículas biliares — as patas são usadas nas receitas de sopas, e as vesículas biliares têm uso medicinal. Na Primorsky de meados dos anos 1990, a vida, tanto humana quanto animal, não tinha muito valor, e a corrupção infestava todos os níveis do governo. Durante esse período, Trush realizou detenções de membros do alto-comando da polícia e do parlamento, pessoas com as quais era perigoso criar inimidade. Trush, no entanto, era a pessoa perfeita para a função, pois também podia ser perigoso.

Com mais ou menos 1,90 metro de altura, Trush tem braços e pernas longos e um peitoral largo. Por coincidência, seus olhos têm a cor da gema se-

mipreciosa do olho de tigre, com anéis pretos ao redor das íris. Seu semblante franco e simples é emoldurado por grandes sobranceiras caídas. Embora tenha sido uma criança frágil e pouco saudável, Trush se transformou em um atleta talentoso de presença imponente, voz grave e ressonante e com a capacidade de se manter sereno em circunstâncias de extremo estresse. Ele também é incrivelmente forte. Durante a juventude como soldado no Cazaquistão, nos anos 1970, Trush venceu muitos campeonatos regionais de caiaque, pelos quais recebeu o título soviético de Mestre dos Esportes, mérito que o qualificava para competir em nível nacional. Era um desafio sério: ele não estava apenas competindo contra búlgaros e alemães orientais. “Eu estava defendendo a honra das Forças Militares da União Soviética”, disse ele. Depois de ingressar no Inspection Tiger com seus mais de quarenta anos, Trush venceu por três anos seguidos uma competição regional de levantamento de peso. E não era o tipo de levantamento de peso que vemos nos Jogos Olímpicos; o que Trush fazia parecia mais um concurso organizado por artilheiros entediados durante as Guerras Napoleônicas. A competição consiste em levantar um *kettlebell*, basicamente uma bala de canhão com alça, sobre a cabeça o maior número de vezes, primeiro com uma das mãos, depois com a outra. *Kettlebells* são uma invenção russa; existem há séculos, e seu uso claramente favorece pessoas baixinhas e atarracadas. Portanto, é surpreendente ver alguém tão desfavorecido quanto Trush, com a Lei da Alavanca trabalhando consideravelmente contra seu favor, levantar essas esferas de trinta quilos com tanta facilidade.

Trush aprendeu a atirar primeiro com o pai, depois no Exército. Também estudou caratê, aikuidô e técnicas de manuseio de facas; nessas práticas, o físico esguio o favorece, porque seu longo alcance torna praticamente impossível que os adversários o atinjam. Ele tem tanto talento em combate corpo a corpo que foi contratado para ensinar esses métodos à polícia militar. O físico de Trush é intenso e com frequência pouco reprimido. Ele gosta de agarrar, abraçar e empurrar as pessoas, mas as mãos que iniciam e controlam essas brincadeiras são armas em potencial. Seus punhos são como marretas, e ele consegue quebrar tijolos com eles. Quando demonstra os movimentos de uma chave de braço imobilizadora ou finge um golpe, a impressão que se tem é de que seu corpo anseia pela oportunidade de fazer tudo isso para valer. Ao falar de um ex-colega que acabou se corrompendo e que ele tenta há anos pegar em flagrante, Trush disse: “Ele sabe muito bem que sou capaz de

decapitá-lo com minhas próprias mãos.” Essa tensão — entre o vizinho, amigo e marido gentil e brincalhão, e o macho alfa que trabalha como policial ambiental e está pronto para uma confusão a qualquer momento — energiza quase todas as suas interações. É nas circunstâncias que envolvem seu lado mais agressivo que Trush parece mais vivo.



Quanto mais o caminhão que levava Trush e sua equipe se entranhava na floresta, pior ficava a estrada. Depois de passar por Verkhny Pereval, a estrada atravessou um vilarejo coberto de neve chamado Yasenovie, uma comunidade madeireira do mesmo tamanho e estilo de Sobolonye. Ali, um jovem subdelegado chamado Bush se juntou a eles, mas sua presença na missão era mais formal do que prática. Bush era policial, e ataques de tigre estavam além de sua alçada; mas, se o caso envolvesse um cadáver, sua presença como testemunha era obrigatória. Com Bush a bordo, eles subiram o rio aos trancos e barrancos.

Já estava de tarde quando eles chegaram a Sobolonye, um vilarejo pobre de casas de madeira crua, que, à primeira vista, parecia quase inabitado. Gorbukov estava ao volante e tirou o caminhão da via principal, entrando na floresta, em uma estrada por onde passava apenas um veículo de cada vez. Vários centímetros de neve fresca haviam caído no início da semana, e, enquanto o caminhão seguia, Trush procurava rastros recentes na beira da estrada. Estavam a cerca de oitenta quilômetros da rua asfaltada mais próxima e a alguns quilômetros duramente conquistados ao leste de Sobolonye, quando cruzaram uma estrada larga de cascalhos em um local improvável. Ela havia sido projetada durante a era soviética, como alternativa à única via norte-sul de Primorsky, que segue o rio Ussuri na direção norte, até Khabarovsk (mesma rota usada pela Ferrovia Transiberiana). Apesar de comportar todo tipo de tráfego, inclusive de caminhões de carga transcontinentais, a manutenção da estrada de Ussuri é péssima, e sua largura é a mesma de uma rua residencial; a via também era considerada vulnerável a ataques chineses. A nova estrada, embora mais segura, larga e completamente lisa, nunca foi concluída e, portanto, é basicamente um caminho para lugar nenhum no meio do nada. Os únicos que se beneficiam dela são os madeireiros, os caçadores ilegais e os contrabandistas — ou seja, praticamente as únicas pessoas da região com dinheiro para ter um veículo. Contudo, às vezes os tigres também a usam.



Durante o inverno, existe um tipo de cortesia não intencional nas florestas, que ocorre em qualquer tipo de via. Abrir uma trilha em meio à neve requer muita energia, ainda mais quando está com a crosta dura ou muito funda; portanto, quem abre o caminho, seja animal, humano, ou máquina, presta um grande serviço para os que vêm depois. Se considerarmos que a energia — ou seja, a comida — é muito valorizada durante o inverno, dádivas, como essa, que poupem energia raramente são recusadas. Se uma trilha, uma estrada de madeireiros, um rio congelado ou uma estrada para automóveis seguir mais ou menos na direção desejada, outras criaturas da floresta também a usarão, independentemente de quem a tenha aberto. Dessa forma, as vias têm um efeito de funil, quase como um rio, nas criaturas afluentes que vivem ao seu redor e podem proporcionar encontros estranhos.

Durante os últimos cinco quilômetros do trajeto, eles seguiram uma trilha de madeireiros tão tortuosa e intrincada que até um motorista russo veterano em estradas florestais sentiria vontade de gritar, em uma torrente de fricativas e erres arrastados: “Paris-Dacar! Camel Trophy!” A estrada segue em curva para o leste pela vasta floresta, cruzando riachos sobre pontes feitas de pilhas de troncos amontoadas em ângulos retos em relação à estrada. A três quilômetros de um acampamento particular de madeireiros, Gorborkov entrou em uma estrada sem sinalização e seguiu para o norte. Minutos depois, estacionou em uma clareira. No extremo oposto havia uma cabana.

A cabana pertencia a Vladimir Markov, um morador de Sobolonye conhecido por criar abelhas. A estrutura rudimentar se encontrava isolada no lado mais alto de um monte voltado para o sul, cercado por uma densa floresta de bétulas, pinheiros e amieiros. Era um local solitário, porém simpático, e, em outra situação, Trush talvez compreendesse seus atrativos. No entanto, naquele momento não havia tempo para isso; eram três da tarde, e o sol já se encontrava no sudoeste, no mesmo nível das copas das árvores. Todo calor gerado durante o breve dia de tempo limpo estava se dissipando rapidamente.

O primeiro sinal de problema que os homens avistaram foi a presença de corvos. Corvos carniceiros seguem tigres da mesma forma que gaivotas seguem barcos pesqueiros: ao seguirem um animal comprovadamente vencedor, eles poupam energia, garantindo que a questão não seja *se*, mas *quando*, conseguirão se alimentar. Quando Trush e sua equipe desceram do Kung, ouviram a algazarra queixosa dos corvos concentrada ao oeste da pista de entrada. Trush notou a maneira como os corpos escuros dos pássaros giravam

e tremeluziam sobre as árvores, e, mesmo que não tivesse sido alertado com antecedência a respeito da situação, a cena teria indicado tudo o que ele precisava saber: algo grande estava morto, ou morrendo, e estava sendo protegido.

Havia um caminhão pesado estacionado em frente à cabana de Markov. Pertencia a seu grande amigo e parceiro de apicultura, Danila Zaitsev, um homem discreto e trabalhador de quarenta e poucos anos. Zaitsev era um mecânico habilidoso, e seu caminhão, outra sobra do Exército, era um dos poucos veículos em funcionamento em Sobolonye. Com Zaitsev, estavam Sasha Dvornik e Andrei Onofreychuk, ambos pais de família de trinta e poucos anos que caçavam e pescavam com Markov. Pela aparência extenuada dos homens, notava-se que mal haviam dormido na noite anterior.

A densidade de rastros no local indicava que a atividade recente ao redor da cabana fora intensa. Várias espécies estavam representadas nos vestígios, e as trilhas se sobrepunham de tal maneira que, a princípio, foi difícil identificá-las. Trush encarou esse emaranhado de informações como um detetive: em algum lugar dentro dela, havia um início e um fim, e, em algum lugar, havia também uma causa, ou talvez várias. Descendo a encosta, perto da pista de entrada da cabana, dois rastros chamaram sua atenção. Um rumava para o norte, a partir da pista de entrada em ritmo de caminhada; o outro ia no sentido sul a partir da cabana. Cada rastro se dirigia ao outro, como se a convergência tivesse sido intencional, como um encontro marcado. O rastro que seguia para o sul era notável, não apenas por ter sido feito por um tigre, mas porque havia grandes intervalos, de três metros ou mais, entre cada conjunto de impressões. No local onde se encontravam, o rastro que seguia para o norte desaparecia, como se a pessoa que o fizera simplesmente tivesse deixado de existir. No local, as grandes marcas de patas viravam para o oeste e cruzavam a pista de entrada em ângulos retos. Os intervalos regulares entre elas sugeriam um ritmo de caminhada; as pegadas seguiam para a floresta, diretamente para o local onde estavam os corvos.

Trush carregava uma câmera, e o olhar infalível da máquina registrou a cena em detalhes chocantes. Em retrospecto, é impressionante perceber a firmeza das mãos e da voz de Trush enquanto ele ao mesmo tempo filma o local e narra a situação: a cabana rudimentar e a clareira de vegetação rasteira onde ela se encontra; o trajeto do ataque e o ponto de impacto e, depois, a longa trilha de evidências terríveis. A câmera não treme ao girar panoramicamente, registrando a neve rosada e pisoteada, capturando a pata traseira de um cão, uma luva solitária e o punho de um casaco manchado de sangue, até parar

diante de uma área descampada, cerca de cem metros floresta adentro. Nesse instante, o áudio da câmera registra um arquejo nauseado. É como se ele tivesse entrado na toca do Grendel.

A temperatura é de  $-35^{\circ}\text{C}$ . Ainda assim, no local, a neve está completamente derretida. No meio daquele círculo escuro, apresentado como um tipo de oferenda sacrificial, encontram-se uma mão sem braço e uma cabeça sem rosto. Perto dali, vê-se um osso comprido, provavelmente um fêmur, tão roído que está completamente branco, sem qualquer traço de sangue. Adiante, o rastro segue mais para dentro da floresta. Trush o segue, com os olhos cerrados focados no visor da câmera, enquanto sua equipe e os amigos de Markov o acompanham de perto. Os únicos sons no ambiente são o ranger gélido das botas de Trush e o latido distante de seu cão. Sete homens estão calados, em choque. Não se ouve um soluço, um xingamento.

A cadela de caça de Trush, uma pequena laika, vai na frente pela trilha e está cada vez mais estridente e agitada. Seu focinho lateja com o cheiro de sangue e do almíscar de tigre, e apenas ela sente a liberdade de expressar seu medo mais profundo: o tigre está lá, em algum local mais adiante. A equipe de Trush empunha os fuzis e lhe dá cobertura durante a filmagem. Eles alcançam outro local onde a neve está derretida; dessa vez, uma área oval e ampla. Ali, entre os ramos e as folhas que cobrem o chão, está tudo o que resta de Vladimir Ilyich Markov. A princípio, parece uma pilha de roupa suja, até que eles veem as botas, com pontas claras de ossos quebrados saltando de cima, e a camisa em frangalhos, com um dos braços ainda na manga.

Era a primeira vez que Trush via um ser humano aniquilado de maneira tão minuciosa e terrível, e, mesmo filmando, sua mente escapou para as margens da cena, refugiando-se nos detalhes periféricos. Ele ficou chocado com a pobreza daquele homem, com o fato de ele usar botas de borracha tão finas em uma temperatura tão inclemente. Refletiu sobre o cinto de munição, que tinha apenas três espaços vazios, e se perguntou onde a arma havia parado. Enquanto isso, Gitta, a cadela de Trush, corre de um lado para outro, com os pelos eriçados, latindo, alarmada. O tigre está perto. Embora os homens não possam vê-lo, para a cadela, ele está palpavelmente perto — e de forma quase insuportável. Os homens também conseguem sentir uma potência ao redor, algo maior do que seu medo, e se viram, sem saber para onde olhar. Parecem tão abismados com o estrago adiante que é difícil distinguir o perigo eminente do terror diante deles.

Exceto pelos movimentos da cadela e dos homens, a floresta está imóvel; até os corvos se recolheram, esperando até que essa última perturbação passe. E, ao que parece, o tigre fez o mesmo. De repente, ouve-se um som: um exalar breve e apressado, do tipo que alguém produziria ao apagar uma vela. No entanto, há algo diferente em relação ao volume de ar deslocado e à força por trás dele. Algo maior e mais profundo: o som não é humano. Ao mesmo tempo, a cerca de dez metros, a ponta de um galho baixo de pinheiro derrama de forma espontânea a neve acumulada. Os flocos pousam como pó no solo da floresta; os homens ficam paralisados, prendendo a respiração, e, mais uma vez, a floresta fica imóvel.

Desde muito antes de o som do motor do Kung penetrar a floresta pela primeira vez, uma espécie de conversa tem se desenrolado naquele espaço vazio e solitário. Seu idioma não é como o russo ou o chinês, mas, mesmo assim, não deixa de ser um tipo de idioma, que, aliás, é mais antigo do que a própria floresta. Os corvos o falam, o cão o fala, o tigre o fala e também os homens, alguns com mais fluência do que outros. Aquele único sopro continha uma mensagem de eloquência letal. Mas o que fazer com tal informação quando se está tão longe de seu território? Gitta encurta a coleira psicológica que a liga a seu mestre. Os amigos de Markov, já completamente abalados, também se aproximam. A última comunicação do tigre serve não apenas para atingir ainda mais os homens, mas para aprofundar o abismo invisível entre os caçadores ilegais e os agentes armados dos quais agora dependem sua liberdade e segurança. Trush conhece os amigos de Markov porque já os prendeu antes, por posse ilegal de armas e caça sem licença. Apenas a arma de Zaitsev tem registro, mas é leve demais para deter um tigre. As armas dos outros estão escondidas na floresta, o que os torna mais indefesos do que a cadela de Trush.

Trush também está desarmado. Houve uma discussão na pista de entrada a respeito de quem seguiria o rastro sinistro, e alguém fez um comentário sugerindo que Trush e sua equipe não teriam coragem. O medo não é um pecado na taiga,\* mas a covardia, sim, e Trush respondeu o desafio com um convite ríspido: “*Poshli.*” [Vamos lá.] Então, um dos amigos de Markov, que, pelo que Trush lembrava, seria Sasha Dvornik, sugeriu que a equipe de Trush teria competência para lidar com a situação sozinha. Além disso, argumentou que eles

---

\* As florestas mistas (de folhas largas e coníferas) da Sibéria costumam ser chamadas de taigas. Embora as florestas de Primorsky difiram em vários aspectos, recebem o mesmo nome.

estavam desarmados. Trush não aceitou o blefe e o mandou pegar sua arma não registrada onde quer que a estivesse escondido. “Este não é o momento de confiscar armas”, disse ele. “O importante agora é nos protegermos.” Mesmo assim, Dvornik hesitou, e então Trush lhe ofereceu seu fuzil. O gesto foi ousado, por diversos motivos: ele sugeria uma expectativa de confiança e cooperação, e o fuzil semiautomático de Trush era muito melhor do que a velha arma de cano liso de Dvornik. Além disso, a oferta destruía o argumento de Dvornik: não havia mais desculpa ou maneira de ele recusar o convite, especialmente na presença de outros seis homens. Foi a mesma mistura de vergonha, medo e lealdade que levou Zaitsev e Onofreychuk a acompanhá-los também. Além disso, era mais seguro ficar em grupo.

Dvornik, porém, já havia terminado o serviço militar fazia muito tempo, e suas mãos não estavam acostumadas ao peso da arma de Trush, que, por sua vez, sentia a ausência de seu peso reconfortante, o que também lhe parecia estranho. Ele ainda tinha sua pistola, mas ela se encontrava no coldre, e, de qualquer maneira, seria praticamente inútil contra um tigre. Ele depositara toda a confiança em seus parceiros de equipe, colocando-se em uma posição extremamente vulnerável: apesar de liderar o caminho, ele o fazia com o uso de um filtro e de maneira afastada, em meio ao drama, mas não fazendo parte dele, explorando a terrível cena surreal através da lente estreita e ciclópica da câmera. Como não podia contar com Zaitsev e Dvornik, e como o subdelegado Bush carregava apenas uma pistola, sua única proteção era a equipe dos Tigers. Os homens que carregavam armas estavam com elas a postos, mas a floresta era densa, e a visibilidade, baixa. Se o tigre de fato os atacasse, eles poderiam acabar atirando uns nos outros. Por isso, não atiraram, e seus olhos vasculharam o local, retornando sempre para aquele único galho nu, enquanto se perguntavam de onde viria o próximo sinal.

Atrás da câmera, Trush permanecia estranhamente calmo. “Podemos ver claramente as pegadas do tigre se afastando dos restos mortais”, continuou ele em seu tom oficial, monótono e brando, enquanto Gitta latia sem parar, com as patas rígidas, enquanto encarava a floresta “... o cão indica claramente que o tigre seguiu por aqui”.

Mais à frente, as pegadas do tigre apareciam com clareza na neve, fortemente acentuadas pelas sombras que se acumulavam nelas. O animal estava se movimentando para o norte, para um terreno mais alto, o tipo de lugar em que os felinos preferem ficar. “Parece que o tigre não está muito longe”,

“O equivalente de *Moby Dick* para a floresta.”

*LE MONDE*

“Poucos escritores se esforçaram tanto para compreender seus monstros, e pouquíssimos os descreveram em uma prosa tão envolvente.”

*THE NEW YORK TIMES BOOK REVIEW*

“Uma leitura extraordinária: sombria, emocionante e irresistível. Revela como nenhum outro livro o lado terrível que a natureza pode assumir.”

*BOOKSELLER*

“Uma história incrível, excepcionalmente bem contada.”

*FINANCIAL TIMES*

“Leia para ter medo. Muito medo.”

*THE GLOBE AND MAIL*

“Emocionante.”

*THE WASHINGTON POST*

“Parte história natural, parte história da Rússia e parte *thriller*, o livro traz um caso envolvente e sangrento sobre como é perseguir o maior felino da face da Terra — e ser perseguido por ele.”

*NATIONAL PUBLIC RADIO, ESTADOS UNIDOS*

ISBN 978-85-8057-996-7



[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)